

AS IDENTIDADES REPENSADAS A PARTIR DO PROCESSO DE HIBRIDAÇÃO CULTURAL

Sandra Antonielle Garcês MORENO (1); Wagner de Sousa e SILVA (2)

(1) Instituto Federal de Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Maranhão, Av. Getúlio Vargas, nº 04, Monte Castelo, São Luís - MA, e-mail: sandramoreno@ifma.edu.br

(2) Instituto Federal de Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Maranhão, Av. Getúlio Vargas, nº 04, Monte Castelo, São Luís - MA, e-mail: wagnersilva@ifma.edu.br

RESUMO

Aborda o processo de construção das identidades a partir do fenômeno da hibridação cultural, que fora intensificado pela globalização e seus efeitos, destacando, inicialmente, como esse processo global ocorre de forma tão intensa provocando o alargamento das fronteiras nacionais e consequentemente o contato com diferentes culturas e em seguida se reflete sobre o hibridismo cultural como categoria relacionada diretamente a construção identitária do homem contemporâneo. Trata-se de uma pesquisa teórica que se sustenta nos estudos culturais de Stuart Hall, Edgar Morin, Zygmunt Bauman, Nestor Canclini, Homi Bhabha, Eurídice Figueiredo e Jovita Noronha. Percebeu-se que já não há como considerar nos estudos culturais a perspectiva que defendia a concepção unificadora e imutável de identidade e que em seu lugar os estudos na área já utilizam o termo considerando que as identidades são descentradas, deslocadas, fragmentadas, destacando o seu caráter flutuante, sua condição frágil e provisória, e, ainda, como essas modificações estão relacionadas aos processos de hibridação cultural, sendo que esse está diretamente relacionado aos diversos fenômenos que são efeitos da globalização.

Palavras-chave: identidades, globalização, hibridismo.

1 INTRODUÇÃO

Em tempos pós-modernos ou, ainda, da modernidade tardia, como preferem alguns teóricos, os estudos culturais se evidenciam no contexto das análises acerca da formação e desenvolvimento das sociedades que passaram a ser objeto de estudo de vários pesquisadores, sendo que nesse âmbito foi dado maior ênfase a questão da construção das identidades culturais que configuram os diferentes povos e/ou indivíduos. O tema em questão tem gerado graves preocupações e inúmeras controvérsias, que merecem ser discutidas e analisadas com ênfase e teoricamente sustentadas nos diversos estudos que travam esses embates.

As discussões em torno das análises a respeito da identidade se intensificaram pelo fato de que a concepção moderna que se tinha do homem centrado em torno de uma identidade “pura”, “local”, “fixa” e “imutável”, já não atende o contexto atual, se é que em algum momento atendeu. Na atualidade em que os efeitos da globalização tornam-se cada vez mais intensos faz-se necessário recolocar o problema da identidade em outra dimensão, na qual a renovação dos parâmetros até então utilizados torna-se uma exigência.

Considerando a atual relação existente entre o local e o global, transformada em consequência da quase total dissipação das fronteiras nacionais e intensificada pelos avanços tecnológicos, sendo esses alguns dos efeitos da política global, já não há como pensar a identidade a partir desse viés centralizado e unificado, ao contrário, as trocas culturais que acontecem ao longo das várias experiências que o indivíduo e/ou povos vão vivenciando tem acarretado o processo denominado de hibridismo cultural e é o que tem configurado o processo de construção das diferentes identidades.

A partir dessas concepções a respeito do processo de identificação dos diferentes povos é que se pretende analisar, a partir dos estudos culturais, as novas categorias que compõem os principais discursos teóricos sobre o fenômeno da hibridação cultural na construção das identidades dos diferentes indivíduos, configurando-as, desta forma, como flutuantes e inacabadas.

Para desenvolver a presente discussão inicialmente apresenta-se um contexto teórico que analisa a relação existente entre os efeitos do processo da globalização e a alteração da concepção de identidade, para em seguida apresentar as principais perspectivas estabelecidas a partir da pesquisa, que buscou se centrar no papel exercido pela hibridação cultural como efeito dessa dita aldeia global e sua relação com a construção identitária do sujeito contemporâneo. Antes dessa discussão, entretanto, é descrito a seguir o percurso metodológico da pesquisa.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente artigo é o resultado de um semestre de pesquisas teóricas mais detalhadas a respeito dos estudos culturais contemporâneos que os professores do IFMA, autores do mesmo, vêm realizando, uma vez que as categorias que compõem os estudos da cultura estão relacionadas às áreas de formação dos mesmos (História e Filosofia), bem como as suas linhas de pesquisa nos cursos de Pós-Graduação que fazem parte (Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade - UFMA e Mestrado em História Cultural - UFPB), sendo que entre os diversos aspectos que são evidenciados nesses estudos buscou-se analisar mais especificamente as questões relacionadas a construção identitária dos indivíduos, considerando que essa é uma temática que tem sido muito problematizada, já que está ligada aos aspectos que formam o homem social e cultural na atualidade.

Para a análise teórica em questão, utilizaram-se autores que trabalham com a questão da formação da identidade, assim como o caráter mutável que esta possui nos dias de hoje. Autores como Bauman (2005) e Hall (2001), no âmbito do que seria uma criação identitária, orientam esse trabalho no sentido de entender como essas identidades, antes tidas como fixas, passam hoje por um processo de hibridação, oferecendo novas perspectivas de estar no mundo. Já os estudos culturais, mais fortemente representados por Homi Bhabha (2007) e Néstor Canclini (2008), trabalham aspectos como as hibridações culturais, com análises que enfatizam de que maneira hoje a cultura não pode mais ser tida como pura, já que sofre toda sorte de influência, seja local ou global, o que influencia diretamente a constituição dessas identidades em constante processo de mutação, que são discutidas no presente artigo.

Observa-se, ainda, que essas modificações que vem ocorrendo tanto nos aspectos culturais como em consequência na construção identitária dos diferentes povos, possui uma relação com os efeitos da globalização que tem caracterizado as relações não só políticas e econômicas em todo o mundo, como consideravelmente as questões sociais e culturais; dada a significação dessas relações essas categorias tem passado a ser amplamente estudadas pelas diversas ciências que tem como objeto de estudo a complexidade humana; complexidade essa que perpassa os aspectos humanos e caracteriza a ciência contemporânea, como problematiza Morin em sua obra *Ciência com Consciência* (2007), que também foi base teórica para esse estudo, uma vez que, busca analisar as transformações que o conhecimento científico tem passado, lembrando que, por volta de três séculos, o mesmo não procurou mais do que provar suas virtudes de verificação e de descoberta em relação a todos os outros modos de conhecimento. É justamente essa concepção de ciência enquanto verdade absoluta que mais sofreu esse processo de “evolução”, passou-se a se compreender que a ciência não é somente a acumulação de verdades, ao contrário, hoje as ciências, em várias frentes, trabalham cada vez mais com a aleatoriedade, sobretudo para compreender tudo aquilo que é evolutivo, e consideram um universo em que se combinam o acaso e a necessidade. Dando, desta forma, abertura para análises de questões tão mutáveis como a cultura, construção de identidades e globalização; categorias que foram refletidas ao longo da pesquisa.

3 IDENTIDADES E GLOBALIZAÇÃO.

A cultura tem perpassado por um processo amplo de mudanças, que estão diretamente relacionadas com as transformações políticas, econômicas e sociais do cenário mundial. Nesse contexto, “novos” objetos passaram a ter lugar central nos estudos contemporâneos e “velhos” objetos passaram a ser analisados a partir de outras perspectivas.

Essas novas discussões que passaram a compor o rol de preocupações das ciências podem ser relacionadas ao que Edgar Morin (2007, p.175) denominou de pensamento complexo, uma vez que, para o autor, esse nos conduz ao estudo dos vários problemas que são fundamentais ao destino humano, que depende, acima de tudo, da capacidade de compreender os problemas essenciais da humanidade, “contextualizando-os, globalizando-os, interligando-os” e, ainda, da capacidade de investigar as

incertezas, buscando “meios que nos permita navegar num futuro incerto, erguendo ao alto a nossa coragem e a nossa esperança”.

É importante observar que o próprio Morin (Idem) destaca que na perspectiva da complexidade o pensamento científico deve se constituir em um desafio e uma motivação para pensar e não ser percebido como receita ou resposta pronta e fechada; não se deve também confundir a complexidade com a completude, uma vez que, o seu objetivo é o conhecimento multidimensional, pois a própria multidimensionalidade comporta a complexidade em seu discurso teórico, com base nos princípios da incompletude e incerteza.

Partindo desse ponto de vista que conduz o pensamento científico à análise de fenômenos que passaram a constituir os problemas essenciais da humanidade na contemporaneidade, permitiu-se voltar o olhar para os estudos culturais e as diversas alterações que suas concepções têm atravessado na atualidade, como é o caso do processo de hibridação cultural que se relaciona diretamente a construção das identidades desses sujeitos.

Entre os vários fenômenos que tem influenciado esse processo que modificaram os discursos culturais, destaca-se o papel da globalização, pois essa tem causado efeitos diferenciadores no interior das culturas ou entre as mesmas, ocasionados, principalmente, pela quase total dissipação das fronteiras nacionais, o que tem possibilitado o contato com outras línguas, costumes diferentes, religiões diversas, tradições variadas, ou seja, uma maior relação com os aspectos culturais que caracterizam outras sociedades.

O processo globalizador tem possibilitado que justamente esses traços culturais que marcam e distinguem um grupo social do outro já não sejam mais locais e restritos, alterando assim o que, de forma quase que mitológica, os Estados esperavam que a mobilização em torno das culturas nacionais conseguiriam fazer, que seria o estabelecimento de uma identidade unificadora.

Uma mobilização em torno dessa idéia de nação começou a ser mais difundida na Europa a partir do século XVIII com o intuito de estabelecer a identidade de cada povo o que permitiria “a invenção do que é comumente chamado de “alma nacional”, ou seja, parâmetros simbólicos que funcionam como “provas” da existência desse Estado” (FIGUEIREDO E NORONHA, 2005, p.192). E configurou por longos anos a trajetória história da humanidade, mas, que vem sendo alterada profundamente nos últimos anos.

Já sabe-se que no mundo em que as fronteiras estão em constantes processos de “alargamento” possibilitando, assim, o convívio e as trocas culturais, não há como esperar a manutenção de identidades fixas e imutáveis. Stuart Hall discute profundamente essas questões em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), ao analisar essa necessidade em estabelecer uma identidade unificadora para um Estado Nação no item denominado “as culturas nacionais como comunidades imaginadas”, em que o autor considera um verdadeiro mito, para o mundo moderno, conceber a identidade cultural com esse propósito unificador. O mesmo destaca que a Europa não possui “qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia” (p. 62).

Se, para o autor, a Europa é um continente que possui suas nações organizadas a partir da união com diferentes povos e culturas, pode-se concluir que em nada se diferencia dos demais continentes, como é o caso da América e África que tiveram em todo o seu período colonial a “convivência”, ou ainda, a imposição da cultura dos seus colonizadores, sendo que esses tiveram ao longo desse processo seus traços culturais fundidos com os dos nativos da região e, ainda, com os de outras sociedades, o que acabou por conduzir a constituição dos aspectos culturais que caracterizam esses novos povos que se formaram nesses continentes.

O caso do povo brasileiro é um bom exemplo desse processo, uma vez que, na sua formação tem como base diferentes povos, entra eles, inicialmente, o índio, os nativos da terra; o português colonizador e o africano trazido para o trabalho escravo; em seguida, há, ainda, os italianos, alemães, japoneses e tantos outros povos que vieram para o Brasil durante todo o seu período colonial, imperial e que ainda hoje continuam a se estabelecer na região contribuindo, diretamente, para a formação desse povo miscigenado que é o brasileiro. Sendo assim, concorda-se com Stuart Hall quando enfatiza que “as nações modernas são, todas, híbridos culturais” (Idem).

Destaca-se, entretanto, que esse processo de trocas culturais que formaram as nações híbridas não é algo recente. Nem mesmo a abertura das fronteiras pelo dito processo de globalização é algo novo. Na

verdade, a história da humanidade é marcada pelos desbravamentos e conquistas de espaços e povos, como pode ser notado desde o período pré-histórico, perpassando pelas conquistas romanas e as grandes navegações. Os deslocamentos e as migrações têm constituído mais a regra que a exceção da história da humanidade.

Nesse cenário, as sociedades, produtos de conquistas e dominação, passaram a ter sua cultura transformada a partir do contato com os diferentes povos colonizadores, perdendo muito das suas características culturais locais ou, ainda, transformando-as a partir das trocas. Esse processo, conseqüentemente, foi mútuo, uma vez que, a convivência com os traços culturais de outros povos não deixou de atingir aqueles.

Na contemporaneidade, os efeitos da globalização, principalmente, através dos avanços tecnológicos e midiáticos, tem tornado mais intensa o contato com a diversidade cultural da humanidade, resultando assim no deslocamento das identidades nacionais e/ou identidades locais. O que é evidenciado quando Stuart Hall (2006, p.73) diz:

[..] o efeito geral desses processos globais tem sido o de enfraquecer ou solapar formas nacionais de identidade cultural [...] existem evidências de um afrouxamento de fortes identificações com a cultura nacional, e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais, “acima” e “abaixo” do nível do estado-nação.

O autor destaca, ainda, três impactos importantes desse processo de globalização às identidades culturais: a desintegração; o reforço pela resistência e a mutação (novas identidades – híbridas – estão tomando o seu lugar). Esse terceiro item é que se pretende discutir, uma vez que, se percebe a relevância da reflexão a respeito do fenômeno da hibridação cultural na construção das identidades, por ser algo cada vez mais presente nas relações sociais e culturais da humanidade.

4 A HIBRIDAÇÃO CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

Como foi discutido anteriormente, as trocas culturais entre os diferentes povos, o que caracteriza o fenômeno da hibridação, não é algo recente, o que pode ser recordado através dos exemplos, já destacados, referente a mestiçagem ocorrida no Mediterrâneo, nos tempos da Grécia Antiga, ou no Brasil Colônia.

No entanto, é na última década do século XX em que mais se estende as discussões a respeito da hibridação dos diversos processos culturais. Apesar de está presente amplamente nas discussões atuais, principalmente, quando se trata das diversas formações culturais e identitárias das sociedades, não chega a ser uma unanimidade entre os teóricos; não há como restringir o termo a uma boa ou má palavra. No entanto, tais distinções são naturais, como o próprio Néstor Canclini na sua obra *Culturas Híbridas* (2008, p.19) enfatiza ao dizer que “seu profuso emprego favorece que lhe sejam atribuídos significados discordantes”.

Não há como negar, contudo, que os estudos sobre a hibridação alteraram os discursos que tratam a respeito de diversos conceitos como os de cultura e identidade, que são interessantes para o presente estudo; entre tantos outros que tiveram suas abordagens ampliadas a partir dos debates acerca do hibridismo, entre eles: multiculturalismo, diferença, desigualdade, tradição/modernidade, local/global, para destacar alguns.

Para uma melhor análise acerca da influência do hibridismo no processo de formação cultural dos diferentes povos, bem como das construções identitárias, faz-se necessário destacar qual definição será aqui adotada, considerando a abrangência do termo e ainda a diversidade de estudos existentes sobre a temática. Com esse objetivo adota-se a definição de Nestor Canclini, na obra já citada, que entende por “hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (p. 19). É interessante destacar que o próprio autor ressalta que essas “estruturas ou práticas discretas” a que se refere também não podem ser consideradas puras, uma vez que, já resultam de hibridações.

Em diversos traços culturais da humanidade pode-se perceber essa relação de que trata o autor. Um exemplo, são os idiomas falados nos países colonizados, como é o caso do Brasil, o português falado nesse país se formou a partir da mistura dos diversos idiomas nativos pré-colombianos com o português trazido de Portugal pelos seus colonizadores, destacando, ainda, que esse, por sua vez, possui suas raízes em outros, como o latim.

Percebe-se que a combinação de estruturas discretas para a formação de novas não é algo tão contemporâneo, esse fenômeno, no entanto, torna-se mais significativo em tempos de *desterritorialização* em que o compartilhamento de várias culturas na chamada aldeia global é algo instantâneo e constante. Alguns teóricos, como Stuart Hall (2006) e Zygmunt Bauman (2005), ressaltam que essa articulação entre o global e o local ocasiona uma verdadeira dialética entre as identidades: as novas identidades globais e identidades locais.

De fato, nota-se que os processos de hibridação, intensificados pela globalização, têm um efeito contestador e deslocador das identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional e/ou local, alterando as identidades fixas e tornando-as mais plurais. No entanto, os efeitos dessas transformações têm sido analisados de diferentes ângulos. Stuart Hall (idem) destaca alguns dos argumentos utilizados nessas condições ao ressaltar que:

Algumas pessoas argumentam que o “hibridismo” e o sincretismo – a fusão entre diferentes tradições culturais – são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado. Outras, entretanto, argumentam que o hibridismo, com a indeterminação, a “dupla consciência” e o relativismo que implica, também tem seus custos e perigos (p. 91)

Nestor Canclini também alerta para o cuidado que se deve ter nas análises acerca dos processos de construção das identidades híbridas, ressaltando que jamais se deve considerar essa fusão sem as suas contradições, enfatizando que ao analisar os efeitos recentes da globalização deve-se ter em mente que estes “não só integram e geram mestiçagens; também segregam, produzem novas desigualdades e estimulam reações diferenciadoras” (2008, p.31).

Há ainda, a necessidade de se destacar, diante dessa realidade, o caráter frágil e transitório da identidade cultural. Zygmunt Bauman (idem, p.12) destaca que na sociedade atual em que cada vez mais as identidades sociais têm se tornado “incertas e transitórias [...] qualquer tentativa de “solidificar” o que se tornou líquido por meio de uma apolítica de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída”

Bauman destaca, ainda, que vários autores que tem como objeto de pesquisa os estudos pós-coloniais, como é o caso de Homi Bhabha em *O Local da Cultura* (2007), já enfatizam que o recurso à identidade deve ser considerado um processo constante de “redefinir-se e de inventar e reinventar a própria história” (BAUMAN, 2005, p.13).

Logo, a intensificação dos intercâmbios culturais tem possibilitado, cada vez mais, maiores e mais diversas as misturas do que em outros momentos, acarretando, desta forma, o desafio cada vez mais intenso da continuidade de qualquer ensaio de estabelecer a qualquer que seja a sociedade uma identidade pura e fixa. Ao contrário, o que se expande são as identidades híbridas que se constroem a partir da comunicação intensa e permanente com as diversas experiências culturais que os diferentes povos e /ou indivíduos vão vivenciando ao longo da trajetória da construção da sua própria identidade.

Nota-se dessa forma que um aspecto muito analisado atualmente quando se estuda cultura, é o fenômeno da hibridação, pois, as suas influências tem ocasionado que, a pretensão de estabelecer identidades “puras” ou “autênticas” é praticamente enclausurada e “além disso, põe em evidência o risco de delimitar identidades locais autocontidas ou que tentem afirma-se como radicalmente opostas à sociedade nacional ou à globalização” (CANCLINI, 2008, p.23). Ao mesmo tempo em que fica notório como as identidades são flutuantes e frágeis, como já foi apontado. Zygmunt Bauman (2005, p. 17) a esse respeito discute que:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira que age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

Isso se explica muito pelo fato de que os caminhos que são percorridos pelas experiências que constroem os traços que formam a identidade cultural de cada indivíduo através da hibridação são diversos. Até por que o contato com a cultura de outros países é cada vez mais facilitado pelos efeitos da globalização e os avanços tecnológicos.

Verifica-se dessa forma o papel essencial dos processos de hibridação cultural para a construção das identidades dos sujeitos contemporâneos, na concepção analisada ao longo do artigo, que se baseia na ideia de que o sujeito que anteriormente era entendido “como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas”, desta forma entende-se que “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2006, p. 12)

Nesse sentido, identifica-se que as atuais discussões acerca da construção das identidades compreendem que essas possuem o caráter flutuante e transitório, não há mais como analisá-las a partir da concepção de identificações puras e fixas, como por muitos anos foi defendido, principalmente pelos Estados com o desejo de estabelecer as identificações nacionais que marcariam as várias diferenças existentes entre os povos. Diversos teóricos (Canclini, Hall, Bhabha, Bauman) já concentram suas análises a partir do viés de que os processos globalizantes que desencadeiam os fenômenos da hibridação que marcam os traços culturais que constroem as diversas identidades dos diferentes indivíduos são atualmente fatos que jamais devem ser desconsiderados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o processo evolutivo que tem atravessado o conhecimento científico modificando sua caracterização na contemporaneidade, observa-se que essa realidade tem possibilitado maior evidência para as Ciências Humanas, que por sua vez tem mudado o seu olhar para os seus objetos como é o caso da cultura. Atualmente, já se considera que essa categoria, como várias outras que compõem o universo da complexidade humana, não pode ser estudada de forma isolada e estanque, ao contrário, por ser relacionada ao homem está em constante transformação, principalmente pelas diversas influências que recebe tanto a nível local quanto global, o que, inclusive, tem afetado diretamente a criação identitária desses sujeitos.

Nesse aspecto, os diversos estudos culturais apontam que as diversas discussões acerca das identidades têm se tornado um assunto de extrema importância e que tem estado em evidência, como destaca Zygmunt Bauman (2005, p. 25) é o “assunto do momento”. Entre as várias análises que se pode fazer sobre a questão, um ponto interessante nessa discussão é identificar como a concepção desse conceito tem se alterado ao longo dos diversos estudos a partir da visão dos variados teóricos, como se propôs a fazer no presente estudo.

Desta forma, buscou-se evidenciar ao longo do presente estudo, que a concepção unificadora e imutável de identidade já não é mais adotada e em seu lugar os diferentes teóricos falam de identidades descentradas, deslocadas, fragmentadas (HALL, 2006), destacam seu caráter flutuante, sua condição frágil e provisória (BAUMAN, 2005), e, ainda, como essas modificações estão relacionadas aos processos de hibridação cultural (CANCLINI, 2008 e BHABHA, 2007), provocadas pelo alargamento das fronteiras nacionais, transformando, assim, a concepção de pureza da cultural local que antes era defendida por alguns teóricos.

Observou-se, nesse sentido, que o fenômeno da globalização que tem caracterizado as relações políticas, econômicas, sociais e culturais da humanidade na contemporaneidade tem resultado no alargamento e até mesmo “dissipação” das fronteiras nacionais o tem possibilitado as trocas culturais cada vez mais intensas que se desencadeiam na junção de diferentes peças que vão compondo o quebra-cabeça que formam a identidade cultural do sujeito contemporâneo.

A análise, de fato, buscou demonstrar que a identidade cultural de um indivíduo pode ser comparada a um quebra-cabeça incompleto, como observa Zygmunt Bauman (idem), sendo que, essas diferentes peças podem representar as diversas experiências vividas, mas, que nunca estarão completas e sempre faltaram muitas peças, jamais se saberá quantas.

É importante, ainda, por fim, destacar que esse processo de hibridação cultural, intensificado pela globalização, e que influencia, diretamente, na construção das diferentes identidades, não acontece sem conflitos, não se deve conceber essa realidade apenas a partir do viés da fácil integração e fusão de culturas, sem destacar o forte peso das contradições que surgem nesse processo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução: Myriam Avíla, Eliana Lourenço de Lima e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução: Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. NORONHA, Jovita Maria G. Identidade Nacional e Identidade Cultural. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.